



Terra, Agro e Fome: a expropriação do trabalho como valor de uso no Polo Juazeiro-Bahia/Petrolina - Pernambuco

Land, Agro and Hunger: the expropriation of work as use value in the Polo Juazeiro-Bahia/Petrolina – Pernambuco

1. Luciano Justino Mendes <https://orcid.org/0009-0004-1531-5459>

1. Universidade de Pernambuco Petrolina, Pernambuco, Brasil

2. Raimunda Aurea Dias de Sousa <https://orcid.org/0000-0002-4646-4500>

2. Universidade de Pernambuco Petrolina, Pernambuco, Brasil

Autor de correspondência: mendesluciano2001@gmail.com

RESUMO

A produção da fruticultura é um destaque no Polo de Juazeiro/BA e Petrolina/PE, o que tem possibilitado o crescimento da terra de negócio em detrimento à terra de trabalho. Nesse sentido, a pesquisa consistiu em compreender que a terra à medida em que é utilizada pelo agro para negócio cuja finalidade é acumulação e lucro, deixa de realizar sua função social ao expropriar da agricultura familiar e camponesa a terra como condição de trabalho, alimentação e de vida. Para alcançar o objetivo proposto, traçou-se como percurso metodológico: Pesquisa bibliográfica com base em uma revisão qualitativa, consulta em sites relacionados ao conteúdo e coleta de dados estatísticos. Como resultado, percebeu-se que a insegurança alimentar é bastante intensa, especialmente, no Brasil e, contraditoriamente, há um fortalecimento da agricultura empresarial via aumento de produção de alimentos transgênicos e uso de agrotóxicos. Assim, conclui-se que o modelo de agricultura empresarial ou agronegócio dissemina o discurso da geração de emprego por conta da ampla produção, mas, na prática, expropria a riqueza produzida pelo trabalho uma vez que o mesmo é sem garantias, com jornada elevada e, muitas vezes, intermitentes ou sazonal.

Palavras-chave: Negócio, Trabalho, Agricultura.

ABSTRACT

Fruit production is a highlight in the Juazeiro/BA and Petrolina/PE Polo, which has enabled the growth of business land to the detriment of working land. In this sense, the research consisted of understanding that land, as it is used by agriculture for business whose purpose is accumulation and profit, stops performing its social function by expropriating land from family and peasant farmers as a condition for work, food and of life. To achieve the proposed objective, the methodological path was outlined: carrying out bibliographical readings, consulting websites related to the content and collecting statistical data. As a result, it was noticed that food insecurity is quite intense, especially in Brazil and, contradictorily, there is a strengthening of corporate agriculture through an increase in the production of transgenic foods and the use of pesticides. Thus, it is concluded that the model of corporate agriculture or agribusiness disseminates the discourse of generating employment due to ample production, but, in practice, expropriates the wealth produced by work since it is without guarantees, with exorbitant working hours and, often intermittent or seasonal.

Keywords: Business; work; agriculture.

Introdução

Presenciam-se continuamente, conflitos existentes entre os regimes distintos de propriedade (negócio x trabalho) e, dentro desse contexto, o Polo Juazeiro-BA e Petrolina-PE se destaca no quesito da riqueza via expansão do agronegócio e, por meio dele, um alto índice de exportação centrado na fruticultura.

Desse modo, o discurso da importância do negócio é de que “qualquer emprego é melhor que nenhum emprego”, por essa razão, levanta o seguinte questionamento: Por que a terra vem perdendo continuamente sua função social pela apropriação do capital no campo via agro na condição de negócio para atingir lucros elevados e alcançar as escalas - nacional e global ao tempo que não tem proporcionado trabalho como valor de uso e alimentos para as necessidades imediatas? Tendo como base a problemática, a presente pesquisa objetiva compreender que a terra, na medida em que é utilizada pelo agro para negócio cuja finalidade é acumulação e lucro, deixa de realizar sua função social ao expropriar a agricultura familiar e camponesa a terra como condição de trabalho, alimentação e de vida.

Dessa forma, para chegar ao objetivo, traçaram-se os seguintes caminhos metodológicos **a) Leitura bibliográfica** tendo como base uma revisão qualitativa das informações relacionada à: **expansão do agronegócio:** Sousa (2013); Oliveira (2001); Delgado (2009); **insegurança alimentar:** Oliveira (2016) e **exploração do trabalho:** Antunes (2015 e 2019); **b) Sites:** Oxfam Brasil; Brasil de fato; CNN Brasil; G1; Ministerio da Agricultura Percuaria (MAPA), 2023. A escolha pelos dois primeiros sites refere-se a postura política dos mesmos no que tange a pesquisa, enquanto os últimos, por apresentarem dados significativos que foram confrontado com a teoria. As sínteses das evidências qualitativas de autores(as), de jornais ou sites referente a temática conduziram uma análise e interpretação crítica para entendimento da importância da terra no contexto da produção de alimentos. É Relevante mencionar que nesse estudo, os textos jornalísticos foram utilizados tendo como base a teoria utilizada, uma vez que se compreende a necessidade de uma elaboração teórica que abra caminhos para além de experiências imediatas. **c) Coleta de dados:** etapa de extrema importância na

consecução da pesquisa. A análise qualitativa/quantitativa obedeceu à organização de um conjunto de indicadores e variáveis na elaboração de gráficos objetivando não somente quantificar as respostas, mas, sim, entender o objeto estudado.

Os referidos resultados permitiram perceber que a insegurança alimentar é bastante intensa, especialmente, no Brasil com 33,1 milhões de brasileiros passando fome, contraditoriamente, um aumento de produção de alimentos transgênicos e com uso de agrotóxicos, o que fortalece a agricultura empresarial voltada para a monocultura com produção de *commodities*¹, diferente da agricultura familiar, que tem o cultivo diversificado sendo responsável pela alimentação da população.

Relativo à força de trabalho, percebeu-se que há um número considerável de desempregados, sendo significativo no período de safra, distanciando do discurso de geração de emprego disseminado pelo agronegócio; portanto, um trabalho sem garantias e com jornada exagerada e na maioria das vezes, são intermitente ou sazonal.

É importante ressaltar que, a pesquisa não se encerra nesse estudo, mas sinaliza para novas análises, uma vez que, o agronegócio só se sustenta com alta produção e produtividade o que necessita de terra, tecnologia e trabalhador(a) para extração da riqueza, imprimindo, desse modo, a substituição do trabalho enquanto valor de uso pelo valor de troca.

Resultados e discussão

Agro e Fome – o negócio na agricultura

O agro enquanto modelo de agricultura avançou pelo Brasil a partir dos anos de 1990, momento em que ocorreu uma associação entre capital industrial e financeiro para obtenção de elevado lucro no campo. Desse modo, Sousa (2013) relata que a associação mencionada está ligada às transformações que o capitalismo provoca no campo, particularmente, via apropriação da terra.

¹ Qualquer produto originário de atividade agropecuária, florestal ou pesqueira ou qualquer mineral em sua forma natural ou que tenha passado por processamento costumeiramente requerido para prepará-lo para comercialização em volume substancial no comércio internacional (Delgado, 2009 p. 128).

Assim, a captura da terra enquanto bem torna-se uma pretensão econômica como valor de troca e ademais uma maneira de exploração. Esse processo deriva da entrada do capital no campo. Conforme Oliveira (2001), o pequeno produtor é levado a entrar nesse sistema, deixando de ter a terra como sendo de trabalho e passando a ter o foco em geração de renda capitalizada, uma vez que há apropriação da riqueza que seria do trabalhador passa a ser acumulada por empresas e bancos.

Nesse sentido, afirma ainda que:

[...] O lavrador passa imperceptivelmente da condição de proprietário real a proprietário nominal, pagando ao banco a renda da terra que nominalmente é sua. Sem perceber, ele entra numa relação social com a terra mediatizada pelo capital, em que além de ser o trabalhador é de fato também o arrendatário (Oliveira, 2001, p.62).

Dessa forma, o camponês que usufrui de sua terra para uso de diversos cultivos, quando entra no mercado, perde autonomia. Desse modo, a terra de trabalho destinada à sobrevivência passa a ser voltada para produtos com saída de mercado e não para alimentação, o que faz aumentar o número de pessoas com fome em todo o mundo.

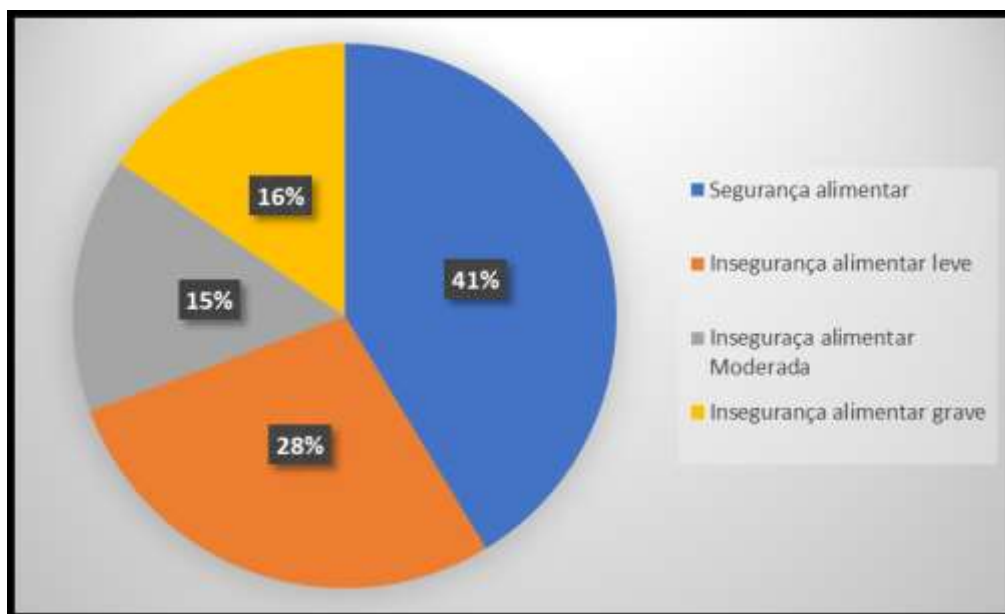
A realidade está associada à apropriação da terra pelo agronegócio entendido como “[...] uma associação do grande capital agroindustrial com a grande propriedade fundiária” (Delgado, 2009, p.66). Desse modo, percebe-se um número elevado de pessoas com insegurança alimentar, termo criado pelo modelo neoliberal que para Harvey (2005) é;

O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio. (Harvey, 2005, p 3.).

Contudo, na análise de (Oliveira, 2016) no referido modelo, há uma substituição do significado de soberania alimentar para segurança alimentar e, conseqüentemente, retirando da área de saúde pública e moldando para área de políticas públicas de abastecimento alimentar sem levar em consideração a qualidade. Com isso, governos neoliberais passaram a reduzir os estoques governamentais de alimentos, através de uma sub-reptícia substituição das políticas de soberania alimentar, pela política de

segurança alimentar. Seguindo esse contexto, a segurança alimentar, na atualidade, foi criada com o discurso de ser necessário porque há uma produção em larga escala justificada na erradicação da fome, porém nota-se que o problema não foi mitigado. Conforme apresentado no gráfico 1.

Gráfico 1: Números da Fome no país no período de 2021 e 2022.



Fonte: Oxfam Brasil, 2022.

Desse modo, é possível observar que mais da metade da população sofre com algum grau de insegurança alimentar, tendo uma porcentagem de 59% atingida por essa adversidade.

Em matéria exibida pela CNN Brasil (2022), aferiram números diferentes no que se refere à insegurança alimentar no ano de 2021-2022: **a)** Fundação Getúlio Vargas (FGV Social) ilustra que 77 milhões de pessoas passam fome; **b)** Rede PENSSAN² evidencia que são 33,1 milhões; **c)** Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) indica que se tem 15 milhões. A divergência é explicada pela metodologia nas quais foram realizadas, pois, para se produzir a pesquisa sobre a fome, utilizaram-se os níveis de insegurança alimentar, sendo eles - leve, moderada e grave. A

³ A Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN), criada em 2012, é comprometida com a superação da fome e a promoção da soberania e da segurança alimentar. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/>. Acessado em: 12 de Julho de 2024.

(FAO), por exemplo, exclui perguntas ligadas ao nível de insegurança alimentar leve, uma vez que a pesquisa é realizada em escala global.

De acordo a rede PENSSAN (2022), temos, no Brasil, 33,1 milhões de brasileiros passando fome, e em todo o mundo, segundo a Organização para Alimentação e Agricultura (FAO) (2022) órgão das Nações Unidas, são 2,3 bilhões, ou seja, um número alarmante.

Isso evidencia que a segurança alimentar apresentada no gráfico 1 remete a política criada pelo neoliberalismo no sentido apenas de elevar a produção de um alimento controlado pelas grandes empresas como é o caso da Bayer³ que produz com alto índice de agrotóxicos de acordo com o gráfico 2, e ao mesmo tempo sementes transgênicas⁴.

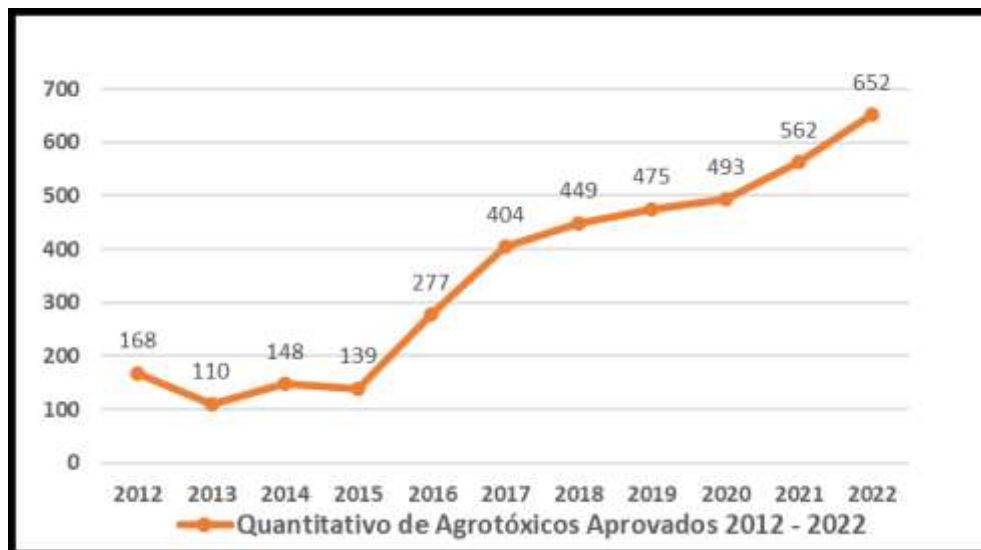
A problemática das sementes transgênicas é assunto bastante discutível, pois causa sérios males, como mostrado em matéria da Pindorama (2021) em que destaca os perigos à saúde humana como também sendo prejudicial à biodiversidade que associado à monocultura é responsável por diminuir a biodiversidade do planeta. Não divergindo desse sentido, a Tecmundo (2022) expõe a origem genéticas dessas sementes que têm resistência a pragas; no entanto, causa forte impacto à natureza como o desequilíbrio ecológico.

Diante disso, pode-se notar uma enorme quantidade de agrotóxicos aprovados pelo legislativo no decorrer desses anos. Para Bombardi (2016) o alto número de liberação de agrotóxicos é explicado pelo fato de que a economia brasileira ser voltada principalmente para o agronegócio a fim de potencializar a produção de *commodities* e, para isso, faz o uso excessivo desses produtos extremamente danosos.

³ A Bayer foi fundada em 1863, na Alemanha, e atua no Brasil desde 1896. O operando no ramo de cosméticos, farmacêutico e na agricultura. Disponível em: www.bayer.com.br. Acessado em: 12 de Julho de 2024.

⁴ Transgênico é sinônimo para a expressão “Organismo Geneticamente Modificado” (OGM). que recebeu um gene de outro organismo doador. Essa alteração no seu DNA permite que mostre que uma característica que não tinha antes. (EMBRAPA). Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-transgenicos>. Acessado em: 12 de Maio de 2023.

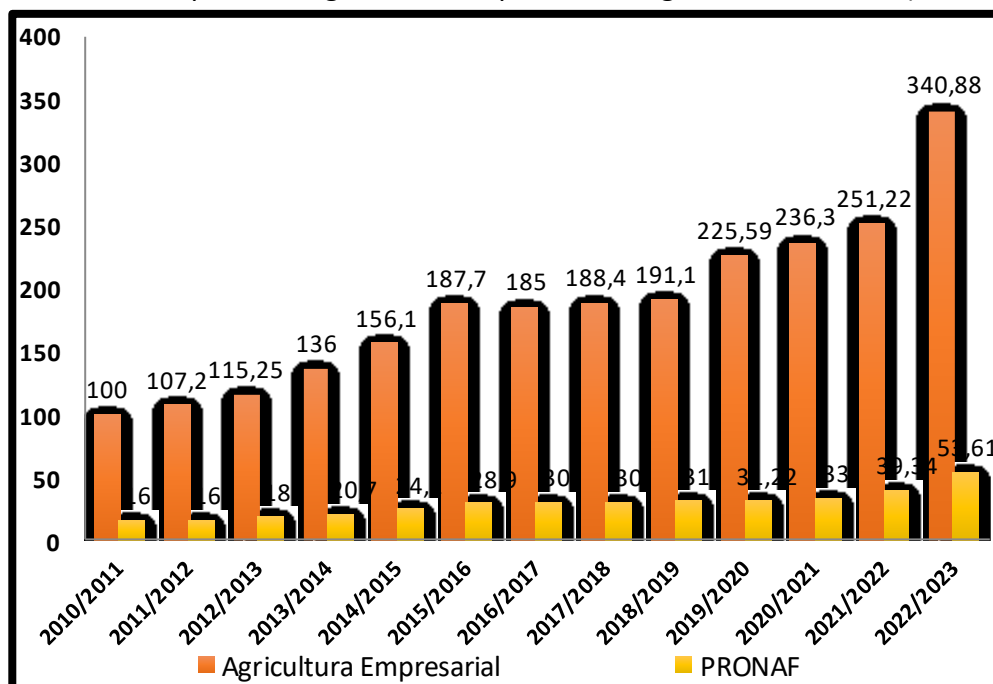
Gráfico 2: Número de agrotóxicos aprovados 2012-2022.



Fonte: G1, 2023.

A situação justifica o gráfico que evidencia um aumento da produção da agricultura empresarial voltada para a monocultura com produção de *commodities*, diferente da agricultura familiar que tem o cultivo diversificado, sendo responsável pela alimentação da população; com isso, vemos uma enorme diferença de investimento.

Gráfico 3: Comparativo Agricultura Empresarial e Agricultura Familiar (PRONAF).



Fonte: MAPA, 2023.

A partir da análise dos números do Ministério da Agricultura Pecuária (MAPA)⁵ representados no gráfico 3, nota-se uma absoluta diferença no investimento entre os dois: enquanto a Agricultura empresarial recebe um elevado investimento com o intuito de lucro, a Agricultura Familiar por meio do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF)⁶ recebe um valor bastante inferior mesmo com a finalidade de produção de alimentos.

Seguindo a linha de raciocínio, a pesquisa do 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar, no período da Pandemia Covid-19 no Brasil, divulgada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN, 2022), aponta que o país tem mais da metade da população com algum nível de insegurança alimentar para ser mais exato 58,7%, sendo leve, moderado e grave, revelando um retrocesso no quadro da fome que tem um cenário equivalente ao da década de 1990, ou seja, pode-se ser explicado pela expansão do agronegócio em detrimento da agricultura familiar, que é responsável pela maior parte da produção de alimentos.

Em decorrência disso, a Agência Senado (2022) expõe matéria que mostra os trâmites ocorridos no Senado para tentar solucionar a problemática, como é o caso PL/354/2022 apresentado pelo senador Rogério Carvalho (PT-SE), que tem como objetivo um benefício no valor de R\$ 250,00, destinado a famílias que se enquadrem no panorama da Insegurança Alimentar leve, moderada e grave, ou seja, essas medidas têm caráter assistencial, que não erradica a fome, pois, para isso, deveria, sim investir em larga escala na produção de alimentos, o que implica na distribuição de terras; portanto, na concretização da reforma agrária.

⁵ O Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) é responsável pela gestão das políticas públicas de estímulo à agropecuária. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br>. Acessado em: 12 de Julho de 2024.

⁶ O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária. Disponível em: idaf.es.gov.br/pncf-programa-nacional-de-fortalecimento-da-agricultura-familiar-pronaf. Acessado em: 12 de Julho de 2024.

A expropriação do trabalho como valor de uso no campo

A apropriação do campo pelo agronegócio tem promovido não somente a expropriação de bens naturais como a terra e água, mas, sobretudo, do trabalho enquanto valor de uso que passa ser transformado em valor de troca. O **primeiro** é entendido, na análise de Antunes (2015), como de primeira ordem, cuja finalidade é a preservação das funções vitais da reprodução individual e societal nas características: **a)** os seres humanos são parte da natureza, devendo realizar suas necessidades elementares por meio do constante intercâmbio com a própria natureza; **b)** os seres humanos são constituídos de tal modo que não podem viver sem intermediação com a natureza como fazem os animais. O **segundo**, de acordo com autor, compreende a segunda ordem como sendo a completa subordinação das necessidades humanas à reprodução do valor de troca.

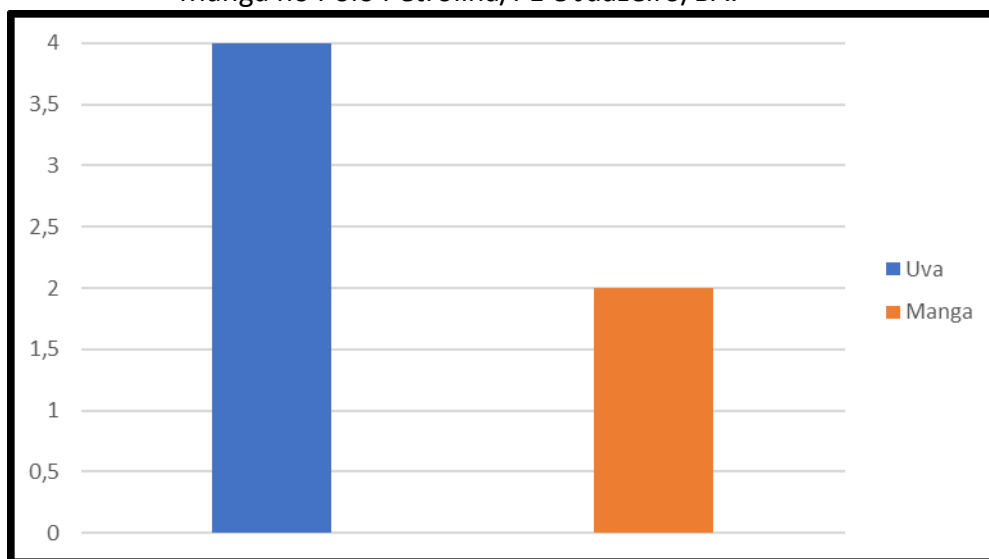
Seguindo essa linha de raciocínio, “[...] para converter a produção do capital em propósito da humanidade era preciso separar valor de uso do valor de troca, subordinando o primeiro ao segundo” (Antunes, 2015, p. 23).

Diante de tal separação e a transformação do trabalho mercadoria, observa-se, nas áreas de agronegócio, em especial, Petrolina-PE, Segundo Brasil de Fato (2023) “o gosto amargo das frutas brasileiras padrão exportação” no momento em que os próprios indivíduos deixam de trabalhar para si, e entram em um processo em que a força de trabalho passa a ser vendida, como aponta o Brasil de fato (2023). A matéria analisa que os trabalhadores de contrato temporário têm condições e remunerações precarizadas, sendo eles os chamados “fichados”, que são trabalhadores formais celetistas, os formais safristas ou os informais e os diaristas.

A classe trabalhadora hoje, também incorpora o proletariado rural, que vende a sua força de trabalho para o capital, de que são exemplos os assalariados das regiões agroindustriais e incorpora também o proletariado precarizado, o proletariado moderno, fabril e de serviços, part time, que se caracteriza pelo vínculo de trabalho temporário, pelo trabalho precarizado, em expansão na totalidade do mundo produtivo. [...].(Antunes, 2009, p. 53).

Assim, além da qualidade não adequada de serviço, o número de trabalhadores contratados é somente para o período da safra, o que constata que é apenas “discurso” a geração de empregos, visível no gráfico 4 de acordo com cada cultura.

GRAFICO 4 - Número de pessoas trabalhando por hectare na produção de Uva e Manga no Polo Petrolina/PE e Juazeiro/BA.



Fonte: Valexport, 2022.

A partir desses dados da Associação dos Produtores e Exportadores de Hortigranjeiros e Derivados do Vale do São Francisco (Valexport), é possível observar que o cultivo da uva emprega um total de 4 (quatro) pessoas por hectare enquanto a cultura da manga de 2 (duas) pessoas por hectare. Isso significa que o quantitativo de trabalhadores empregado no Polo aparentemente grande é temporário entre três a seis meses, o que implica que, fora desse período, há o desemprego; portanto, não condiz com a realidade nacional como retratado em reportagem do (Jornal hoje, 2023), que menciona que o agronegócio tem empregado um número de 19 (dezenove) milhões fora do campo na sua cadeia, ou seja, no processo de produção de: **a)** insumos 9,61%, **b)** indústria 5,51%, **c)** serviços 8,35%.

No que se refere aos números negativos em relação à geração de empregos no campo, é justificado pelo grande processo de modernização como, por exemplo: drones e aplicativos capazes de fazer levantamento de dados sobre a produção que deixa o trabalho manual de lado e, assim, promove o desemprego de trabalhadores.

Dentro desse contexto, tendo em vista a associação de tecnologias no campo, as empresas de grande poder do agro se unem as *bigdatas* que segundo Silveira; Marcolin; Freitas, (2015 p. 1). entende que “[...] é um advento tecnológico de processamento de grandes volumes de dados que vem ganhando notoriedade por conta de oportunidades

e desafios em torno de sua utilidade no apoio aos negócios”, como é o caso da Amazon e da Microsoft, que processam rapidamente informações e, assim, retiram a ocupação dos trabalhadores. Dessa forma, Oliveira (2016) explana que;

Há muito tempo, os investimentos de capitais no desenvolvimento de pesquisas constituíram-se na base da possibilidade do avanço tecnológico das empresas. A constituição de associações entre empresas tem visado a redução da relação custo benefícios destes empreendimentos. Os pesquisadores ou administradores são a cada dia mais, transformados em parceiros nos negócios. (Oliveira, 2016, p.35).

Com alta tecnologia no Polo, os cultivos que se destacam como uva e manga têm um número alto de emprego no período da safra entre os meses de setembro e janeiro no caso da manga. Todavia, a uva emprega mais em relação à manga, mesmo tendo maior utilização de tecnologia. O destaque é para a apropriação da força de trabalho feminina em virtude da sensibilidade com os parreirais conforme portal (DESACATO, 2023) em que o processo de raleio, desbrota e livramento, para melhor desenvolvimento da planta, é feito estritamente por mulheres já que requer uma suavidade no trato sem causar danos aos cachos. Ainda, há jornada dupla, já que as mulheres são responsáveis pelo trabalho de embalar a uva, dentro das altas exigências do padrão das frutas de exportação no que se refere ao cuidado de separar os frutos com alguma mancha ou deformidade.

É importante ilustrar que todo trabalho realizado pelas mulheres é desenvolvido em pé, podendo implicar: problemas posturais, circulatórios, osteoarticulares dentre outros.

Nesse contexto, o trabalho sem garantias se enquadra na análise de Antunes (2019) quando explicita que a classe trabalhadora possui condições de trabalho com longa jornada de forma intensa e sem carteira assinada.

A explicativa do autor ocorre também no agronegócio em que os trabalhos sem garantias são, na maioria das vezes, intermitentes ou sazonais, ou seja, não oferecem estabilidade e nem favorece a qualidade de vida tão desejada.

Para Antunes (2019), na modernização capitalista, o trabalho é;

[...] uma promessa que esconde a realidade. A automação é para aumentar a produtividade do capital [e] para reduzir a força de trabalho, que é tratada como custo. O capital é muito econômico nos seus custos. Ele sabe que o seu

lucro aumenta, a sua produtividade é maior, quanto mais ele economiza e impede o desperdício. E ao economizar e impedir o desperdício, ele tem uma tendência intrínseca de reduzir trabalho humano e ampliar trabalho morto, o maquinário. (Antunes, 2019 p,3)

Dessa forma, o capital se contradiz enquanto discurso da geração de emprego já que faz parte do próprio capitalismo diminuir a força de trabalho tendendo a substituí-la pelo trabalho morto, que é o maquinário. Contudo, o trabalho vivo continua sendo imprescindível para a extração da riqueza e, por essa razão o valor de troca é mais importante no capitalismo do que o valor de uso.

Considerações finais

A agricultura familiar produz alimentos necessários à sobrevivência humana, mas recebe baixo investimento, como, por exemplo, o fomento do Plano Safra no período 2022/2023, 58,68 bilhões de reais enquanto a agricultura empresarial recebe 340,88 bilhões de reais.

No ano de 2023, no governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, houve um investimento de 77,7 bilhões, tendo um aumento de 29 bilhões de reais em relação ao período anterior apontado acima, mas muito abaixo ainda do que se tem para o agronegócio, com 364,22 bilhões de reais.

A força da agricultura de negócio é perceptível, mesmo no governo mais sensível com a fome que as famílias no país atravessam. Desse modo, evidenciando assim que o discurso de segurança alimentar, que surgiu junto com a ascensão do agronegócio com o objetivo de acabar com a fome, é totalmente ilusório, já que é utilizado apenas para produção de *commodities*, para o lucro exorbitante.

Os resultados apontam que o agronegócio produz riqueza exorbitante, porém a alta produção e produtividade só se sustentam mediante grande quantidade de terra, tecnologia e trabalhador(a) para a extração da riqueza produzida por eles, imprimindo, desse modo, a substituição do trabalho enquanto valor de uso pelo valor de troca.

Referências bibliográficas

AGÊNCIA SENADO. Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU preocupa senadores e estudiosos, 2022. Disponível em: : [Retorno do Brasil ao Mapa da Fome da ONU](#)

[preocupa senadores e estudiosos — Senado Notícias](#). Acessado em: 02 de Junho de 2023.

ANTUNES, Ricardo. **“Trabalho precário, intermitente, é antessala do desemprego” diz Ricardo Antunes**. in: Marcos Hermanson. Brasil de Fato, 2019. Disponível em: www.brasildefato.com.br/2019/04/29/trabalho-precario-intermitente-e-a-antessala-do-desemprego-diz-ricardo-antunes/. Acessado em: 05 de Agosto de 2023.

ANTUNES, Ricardo. O trabalho, sua nova morfologia e a era da precarização estrutural. Theomai, n. 19, p. 47-57, 2009.

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. Boitempo editorial, 2015.

BOMBARDI, Larissa Mies. Agrotóxicos, terra e dinheiro: a discussão que vem antes contanda prateleira, 2016. Disponível em: [Agrotóxicos, terra e dinheiro: a discussão que vem antes da prateleira – USP – Universidade de São Paulo](#). Acessado em: 29 de abril de 2023.

BRASIL DE FATO, **O gosto amargo das frutas brasileiras padrão exportação**, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/04/08/o-gosto-amargo-das-frutas-brasileiras-padrao-exportacao>. Acessado em: 02 de junho de 2023.

BRASIL, Ministério da Agricultura e Pecuária, **Liberção do crédito rural alcança R\$22,8 bilhões em sete meses do atual plano safra**, Disponível em: [Liberção do crédito rural alcança R\\$ 22,8 bilhões em sete meses do atual plano safra — Ministério da Agricultura e Pecuária \(www.gov.br\)](#) Acessado em: 09 de fevereiro de 2023.

CNN BRASIL, **Brasil tem 33 milhões de pessoas passando fome, como disse lula? Entenda divergência de números**. Disponível em: [Brasil tem 33 milhões passando fome, como disse Lula? Entenda divergências de números \(cnnbrasil.com.br\)](#). Acessado em: 06 de Abril de 2023.

DELGADO, N. G. O regime de Bretton Woods para o comércio mundial: origens, instituições e significado. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica: Edur, 2009.

DELGADO, Guilherme C. **A questão Agrária no Brasil, 1950-2003**. In: JACCOUD, Luciana (Org.). Questão social e políticas sociais no Brasil contemporâneo. Brasília: IPEA, 2009, p. 51-90.

DESACATO, **Exploração do trabalho e violações: a rotina das mulheres na produção de frutas para exportação**. Disponível em: [Exploração do trabalho e violações: a rotina das mulheres na produção de frutas para exportação | Desacato](#). Acessado em: 08 de julho de 2023.

G1.Globo, **Fome no Brasil: número de brasileiros sem ter o que comer quase dobra em 2 anos de pandemia.** Disponível em: [Fome no Brasil: número de brasileiros sem ter o que comer quase dobra em 2 anos de pandemia | Economia | G1 \(globo.com\)](#). Acessado em 15 de Abril de 2023.

HARVEY, David. O neoliberalismo. **História e implicações.** São Paulo: Loyola, 2005.

JORNAL HOJE, **Agronegócio empregou 19 milhões de pessoas em 2022.** Disponível em: [Jornal Hoje | Agronegócio empregou 19 milhões de pessoas em 2022 | Globoplay](#). Acessado em: 25 de junho de 2023.

MST, **Partilha injusta do Plano Safra revela os dois lados da mesma moeda.** Disponível em: <https://mst.org.br/2023/09/11/partilha-injusta-do-plano-safra-revela-os-dois-lados-da-mesma-moeda/>. Acessado em: 12 de Setembro de 2023.

OLHE PARA FOME, **No fim de 2020, 19,1 milhões, de brasileiros/as conviviam com a fome. Em 2022, são 33,1 milhões de pessoas sem ter o que comer.** Disponível em: [OLHE PARA A FOME](#). Acessado em: 18 de março de 2023.

ONU News, **Fome cresce no mundo e atinge 9,8% da população global.** Disponível em: [Fome cresce no mundo e atinge 9,8% da população global | ONU News](#). Acessado em: 15 de Abril de 2023.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A Mundialização da Agricultura Brasileira.** São Paulo: Iandé Editorial, 2016.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Os elementos da Produção Camponesa.** In. A Agricultura Camponesa no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2001. pp.55 a 64.

PEREIRA, Isabel Brasil et al. Dicionário da educação do campo. 2012.

PINDORAMA, **Entenda o problema das sementes transgênicas.** Disponível em: [Entenda o problema das sementes transgênicas • Instituto Pindorama](#). Acessado em: 29 de Abril de 2023.

SILVEIRA, Marcio; MARCOLIN, Carla Bonato; FREITAS, Henrique Mello Rodrigues. Uso corporativo do Big Data: Uma revisão de literatura. **Revista de Gestão e Projetos**, v. 6, n. 3, p. 44-59, 2015.

SOUSA, Raimunda Áurea Dias de. **O agro-Hidronegócio no Vale do São Francisco: território de produção de riqueza e subtração da riqueza da produção.** 2013. 356 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Núcleo de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão -SE, 2013. Cap. 3. p.164.

TECMUNDO, **A origem dos transgênicos e os reais impactos deles para nossa saúde.** Disponível em: [A origem dos transgênicos e os reais impactos deles para nossa saúde - TecMundo](#). Acessado em: 29 Abril de 2023.

Financiamento: Texto fonte de financiamento do Programa de Fortalecimento Acadêmico/UPE, PIBIC 2022-2023.

Recebido: 28/05/2024 Aceito: 03/07/2024